

ilustrada

Despretensiosa, a Osesp é o destaque de 2023

Temporada abre com Mahler, em março, e inclui sinfonias da trilha sonora do clássico '2001: Uma Odisseia no Espaço'

ANÁLISE

Sidney Molina

SÃO PAULO Analisar programações futuras é pinçar as atrações mais aguardadas, mas não só —é também o momento de buscar os sentidos, os conceitos por trás dos programas, que devem se destacar tanto na música de concerto quanto na ópera.

A alta qualidade nos nomes anunciados se mantém, apesar de algumas atrações não especificarem, ainda, os respectivos programas. A questão é identificada, por exemplo, na ópera. O Theatro São Pedro, que fez um bom tra-

balho em 2022, ainda não divulgou os títulos programados para 2023 —e tampouco os elencos que neles atuarão.

No caso do Theatro Municipal, títulos de óperas foram anunciados, mas sem detalhes sobre os elencos; em vez da informação, as escolhas dos curadores tentam se sustentar num texto que propõe elos longínquos com a etimologia de expressões de origem grega e guarani.

Nada disso seria necessário para anunciar um conjunto —equilibrado dentro da equação quantidade e diversidade— de seis óperas, todas a serem dirigidas pelo titular da casa, Roberto

Minczuk —“Cosi Fan Tutte” de Mozart, em março, “O Guarani” de Carlos Gomes, em maio, “La Fanciulla del West” de Giacomo Puccini, em julho, “O Navio Fantasma” de Richard Wagner, em novembro, e “Isolda Tristão”, uma encomenda à compositora brasileira Clarice Assad, que será apresentada com “Ainadamar”, do argentino Osvaldo Golijov, em setembro.

Na programação da Cultura Artística, se destacam dois dos maiores pianistas do mundo —o húngaro-britânico Andrés Schiff se apresenta em setembro, e a portuguesa, Maria João Pires, em outubro. Ainda entre os grandes nomes

internacionais, está o violinista Renaud Capuçon, que sobe ao palco em junho com a Camerata Salzburg, e a vinda da Orquestra Sinfônica de Lucerna, em agosto.

Já a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, a Osesp, oferece 32 semanas de programas de assinatura, num total de 150 apresentações. A abertura, em março, e o encerramento, em dezembro, ambos a cargo do regente titular, Thierry Fischer, conversam a distância —para começar, a “Sinfonia nº 3” de Gustav Mahler; para fechar, o resgate do histórico programa, de quase quatro horas de duração, em que Beethoven estreou, em 1808,

algumas de suas obras mais importantes, como a “Sinfonia nº 5”, a “Sinfonia nº 6” e o “Concerto para Piano nº 4”.

Também merecem destaque, em maio, programas com o cravista iraniano-americano Mahan Esfahani, e, em julho, com o artista em residência, o pianista britânico Stephen Hough, como o que junta Johann Sebastian Bach, Serguei Rachmaninov e duas obras seminais do século 20, “Atmosphères” e “Lux Aeterna”, do húngaro György Ligeti —ambas centrais na trilha do filme “2001: Uma Odisseia no Espaço”, de Stanley Kubrick.

O compositor Aylton Escobar, que completa 80 anos, se-

rá homenageado, num preparatório para a gravação de um álbum. Entre as novidades está a estreia do novo Quinteto Osesp, formado por cinco mulheres do naipe de cordas.

Do primeiro programa, com os quintetos com duas violas de Mozart e Brahms, em abril, ao final, com o igualmente fantástico “Quinteto Op. 111” de Johann Brahms ao lado da estreia de uma nova obra de Escobar, em dezembro, o repertório chama por si. Nem pretensiosa, nem burocrática, a temporada da Osesp flui com liberdade temática.

— José Simão

O colunista está em férias